

In Memoriam

Ary Quintella e Antônio Houaiss

Sem que dela esperasse ou cobrasse louros, nosso amigo Ary Guerra de Murat Quintella deixa uma importante contribuição à cultura brasileira, especialmente no campo das letras. Tradutor em várias línguas, produziu contos, romances e obras didáticas para a juventude.

Sempre envolvido com muito trabalho, que sua natural desorganização ampliava ao ponto de extenuá-lo, Ary atuava em todas as frentes, na esperança de um retorno que lhe proporcionasse meios de viver para a literatura. O paradoxal é que mesmo sem esse retorno, para ela ele viveu.

Entre seus romances destacam-se Combatiobomcombate, em quarta edição no Brasil e já traduzido para o polonês. Amor que faz o mundo girar, outro de seus romances, também já na quarta edição. Muito preocupado com a educação e com o desaparecer do hábito da leitura entre os jovens, Ary se voltou para o livro juvenil, didático e paradidático, de ciência ou de ficção, conquistando a admiração de uma nova geração de leitores a que seu texto trouxe o ministério envolvente da leitura.

Diretor do CEBELA e ativo colaborador de C&F, é com saudade e profundo respeito à sua memória de intelectual militante pelo socialismo, que publicamos seu texto especialmente feito para C&F após uma cara e emocional visita ao Equador, um ou dois anos antes dos efeitos da crise econômica que hoje se abate sobre esse país. (ABS)

IBEC, Remy, Quito, Equador

*Ary Quintella**

Vulcões

A zona central, esplendorosa *sacuenca*, prolongada bifurcação dos Andes que demarca a região, tem 51 vulcões, 21 em atividade. Humboldt a denominou, apropriadamente, Corredor dos Vulcões. Seus dois espantosos monumentos são: a) o Chimborazo (6.100 m de altitude, ao sul de Quito), que, por causa do 'inchaço' da Terra na linha do Equador, é o ponto mais afastado do centro do planeta, ao invés dos Himalaias, como se pensa; e b): o Cotopaxi (com 5897 metros), que é o segundo vulcão ativo mais alto do mundo. São aterradores, sem nenhum exagero. Desde 1534, quando os conquistadores foram surpreendidos por uma erupção, o Cotopaxi 'fez' mais nove, a última em 1942. Em 1887, deslizamentos de lama arrebetaram suas encostas, e destruíram cidades vizinhas. Em 1872, foi escalado, pela primeira vez, por Wilhem Ross, alemão, juntamente com Angel Escobar, colombiano. Edward Whimper, inglês, determinou a escalada mais popular à cratera.

Equador, brevíssima história

Sua cultura é compósito da espanhola e das resistentes tradições pré-colombianas. Por volta de 10.000 a.C, caçadores estabeleceram-se na parte sul da costa e nos páramos centrais, as altas regiões dos Andes. Em 3.200 a.C, três civilizações agrícolas funcionavam, produzindo a mais antiga cerâmica do hemisfério e desbravando rotas comerciais com nações indígenas amazônicas, tanto no futuro Brasil quanto no futuro Peru. Ao longo da costa, amplas cidades já existiam, por volta de 500 a.C, com desenvolvida metalurgia e navegação, mercando com os Maias (México). Em 1460 d.C, o inca Tupac-Yupanqui invadiu o território, e três soberbas nações o rechaçaram: os Cañaris, os Quetus e os Caras. A sociedade Inca surgira talvez num recanto do Peru, Cuzco, talvez na Ilha do Sol, Lago Titicaca, área boliviana. Contudo, dinâmica, expansionista, bastaram-lhe cem anos para

*Escritor e tradutor, ex-vice-presidente de intercâmbio internacional do CEBELA.

instalar vasto império, desde o Chile, passando pela Bolívia e Peru, até o norte equatoriano (Quitosuyu). Sun Tsu, primeiro teórico da arte militar, certamente ficaria surpreso se pudesse constatar como os incas pareciam ter lido seus ensinamentos, estipulados em *A arte da guerra*. Os incas se comunicavam em toda a extensão de seu império utilizando estradas amplas e pavimentadas, com milhares de quilômetros, percorridas por mensageiros, *chasacas*, que levavam *quipus*, registros dos acontecimentos imperiais, compostos por nós feitos em cordas de cor vária.

Huayna Capac, filho de Tupac-Yupanqui, foi quem, afinal, conquistou o Equador, impondo às nações vencidas o *quechua*, a língua dos Incas, até hoje falada no Equador. Ao morrer Huayna Capac, em 1526 d.C., o Império foi dividido entre seus filhos, Atahualpa e Huascar.

Cruel fortuna

De Tombebamba, construída pelo pai, Atahualpa reinava sobre a região norte do Império (Equador). De Cuzco, Huascar reinava sobre a região sul do Império. Todavia, a Fortuna determinou que os espanhóis alcançassem o Império àquele momento, quando os dois irmãos guerreavam, disputando o poder imperial unívoco. Francisco Pizarro chegou ao Equador em 1532, acompanhado por 180 homens fortemente armados, inclusive com os famigerados canhões e cavalos. Com eles, também vinha a ânsia por ouro. Anos antes, Pizarro estivera na costa, quando ouvira um zum-zum a respeito de cidades interioranas recobertas de ouro. Agora, Pizarro tencionava recolher todo o ouro que pudesse, esmagando os Incas. Não poderia ter escolhido melhor momento. Atahualpa afinal vencera Huascar e o Império lhe pertencia, ainda que demonstrasse instabilidade, gerada pela nova conjuntura política. Pizarro conseguiu seqüestrar o imperador, obrigou-o a juntar enorme resgate e o assassinou. Paulatinamente, o Império orgulhoso foi se desmoronando. O centro administrativo do Equador estava em Lima, Peru; posteriormente, a região fez parte do Vice-Reinado da Colômbia. Em 1822, a estrutura colonialista, montada pela Espanha, foi derrubada pela vitória conseguida por Simón Bolívar, na batalha de Pichincha. Equador, Colômbia e Venezuela tornaram-se a Grã-Colômbia. Mas, em 1830, o Equador rompeu com esse Estado.

Quito I

Cidade realmente curiosa, situada numa *cuenca*, na falda do Guagua Pichincha. Burgo belíssimo, com paisagens inesperadas. O Pichincha é um

maciço com vários picos. Dois são vulcões. Um deles, o Guagua 'bebê', por ser ativo, está em 'alerta amarelo'; o outro, o Pichincha, que mira a cidade, apresenta-se extinto. Alerta amarelo significa que o Guagua, no momento, solta fumarolas que atingem dois ou três quilômetros de altura, podendo eructar cinza, lava etc. (vide o sítio <<http://www4.quaguapichincha.org.ec/>>).

Vulcanólogos afirmam que o Guagua, voltado para outro vale, não o de Quito, vai, oportunamente, entrar em erupção. De qualquer maneira, produz emoção, talvez de medo, talvez de curiosidade, saber que estamos a 2.850 m de altitude, na segunda capital mais alta do mundo, situada na falda do Pichincha, com seus altaneiros quatro mil e tantos metros. Dizem que tal altitude produz alterações respiratórias e/ou circulatórias. Em verdade, subir ou descer escadas é exercício que deve ser praticado com cuidado, em passo de nativo norte-americano em filme de faroeste, pausado, com terrível deliberação, como o de quem não tem pressa de chegar a lugar algum.

Quito II

Possui clima ameno, por isso é dita Cidade da Eterna Primavera. Foi, após a chegada dos espanhóis, potente bastião dos Incas, durante dois anos, sob a chefia do general Ruminahui. Percebendo que os conquistadores iriam tomar a cidade, ele a destruiu, antes de escapar. Os espanhóis rapidamente a reconstruíram. Hoje, tem cerca de 1.200.000 habitantes, e mantém rígida reputação de conservadorismo.

Equador II

Densamente povoado, com cerca de 12.000.000 de habitantes, tem 272.000km², parcelados em 22 províncias. Pode ser esquematicamente dividido em três regiões. A Costa, a Serra e El Oriente, a sua região amazônica. Assim, trata-se de país com grande potencial econômico, pois o solo é fértil, e nele 'em se plantando, tudo dá'. Sua produção agrícola é bastante diversificada. Primeiro exportador de banana do mundo, é o terceiro de rosas e cravos. Mas sua pauta de exportação também abrange camarões, cacau, frutas, atum etc., assim como petróleo (jazidas em El Oriente). Curiosidade: produz mais de vinte tipos de batata.

Galápagos

Os vulcões, agentes construtores, e o Pacífico, agente destruidor, lutam pela posse dessas 15 ilhas maiores e 43 menores, localizadas a 970 km

da costa equatoriana. São áridas ou recobertas por florestas tropicais, nas quais, certamente, o pensamento de Darwin pôde fixar-se na futura teoria da evolução. As ilhas podem nos confundir, pois algumas têm tanto nome em inglês quanto em espanhol. As maiores são Barrington [Santa Fé], Hood [Espanhola], James [San Salvador], e Isabela [Albermale], esta com cinco grandes vulcões. Verdadeiros paraísos turísticos, servem também como chamariz para surfistas do mundo inteiro.

IBEC I

O Ibec, Instituto Brasileiro-Equatoriano de Cultura, funciona em Quito, o que não chega a ser óbvio, já que poderia funcionar aqui no Brasil. Seu endereço: Calle Paul Rivet 319 y Whimper, N 3111 [é o CEP quitenho]; telefone: 520641, e-mail: ibec-ecu@uio.satnet.net. Tive o prazer de conhecer o IBEC na semana do natal/98, quando fui procurar Remy Figureli Gorga, o Remy Gorga Filho, 'daquele' *Jornal do Brasil*, o velho *Jornal do Brasil*. Encontrei o mesmo Remy, velho amigo e companheiro, de barba branca (já fora ruiva, fosforescentemente ruiva, como seus cabelos). Mas o olhar remyniano tradicional lá fulgia, no rosto ainda jovem. Olhar azul, agudo, perscrutador. Gaúcho, o sotaque de Portinho permanece, mesmo quando fala espanhol.

IBEC, brevíssima história

Há 37 anos, Paulo de Carvalho Neto fundava em Quito o Centro de Estudos Brasileiros, subordinado ao Itamaraty, por meio da embaixada do Brasil no Equador. Paulo de Carvalho Neto é o célebre autor de *Meu Tio Atabualpa*, escrito em espanhol, traduzido para o português justamente pelo Remy, absoluto sucesso literário. Em 1990, Remy foi trabalhar no Centro, logo transformado no IBEC. Vinha de Brasília, onde funcionara como diretor-executivo da Associação Nacional de Jornais e assessor da ABERT. Lá está, no IBEC, desde então. Sendo, como também foi Paulo de Carvalho Neto, emérito conhecedor da cultura latino-americana. Jornalista desde os 17 anos em Porto Alegre, RS, trabalhou no *Diário de Notícias*, *Folha da Tarde* e *Correio do Povo* como redator político, antes de vir para o Rio de Janeiro, onde fez *copy-desk* no *JB*, e, em seguida, foi editor do *Suplemento do Livro*, por escolha do Alberto Dines. Traduziu 42 livros: Cortázar, Llosa, García Marques, Juan Goytisolo, Octavio Paz, Carlos Fuentes, Jorge Edwards... recebendo prêmio como melhor tradutor do ano, conferido pela APCA/SP.

Para terminar

Coincidência. A mãe do Remy, e a minha, tinham o mesmo nome, Margarida. Ambas tinham o mesmo apelido, Margot, com *t* é mudo, puro francês. A mulher do Remy, quitenha, tem o mesmo nome de nossas respectivas mães, Margarita [Mosquera], e também o mesmo apelido, Margot. E é tão encantadora quanto nossas mães o foram.

Ainda relacionado às homenagens prestadas ao ex-presidente do CEBELA, Embaixador e professor Antônio Houaiss, reproduzimos discurso de Roberto Amaral, pronunciado na abertura do 7º Congresso Nacional do Partido Socialista Brasileiro, em 26/11/99.

O homem é as suas ações

*Roberto Amaral**

Designou-me o Presidente Miguel Arraes para saudar o socialista e intelectual do povo Antônio Houaiss. Mas eu preciso falar do meu amigo Antônio Houaiss. Eu preciso falar da morte de um amigo insubstituível. Sim, se o nosso partido perdeu um militante, sem dúvida o mais brilhante de todos nós, eu perdi um grande e velho amigo, e já estou naquela idade em que não é mais possível fazer velhos amigos de longos anos. Talvez seja isso, essa velha e recíproca amizade, a justificativa para que eu, sem outros títulos, seja o intérprete de nossa dor coletiva. Por isso, peço-lhes desculpas, por este texto escrito. É a segurança possível de que a emoção – e como negá-la? – não impedirá que o menos credenciado de todos nós saúde aquele dentre nós que mais credenciais tinha para ser louvado. Porque a amizade e o preito fraterno são as únicas auréolas que possuo. Ora, se estou nesta tribuna, não pelos meus méritos, mas, por ser do morto o maior amigo, dentre os presentes, permitam-me que fale com o coração, porque a morte, repito Nabuco, nunca é a de uma só pessoa, quando se trata de alguém a quem demos em nosso coração uma parte igual à que tínhamos no dele. “Se bem que parcial e limitada, do lado de quem fica, é ela sempre de mais de um”¹.

* Escritor, professor da PUC-Rio; membro titular do Instituto dos Advogados do Brasil; membro efetivo da International Sociological Association, ISA, da International Political Science Association, IPSA e da International Association of Judicial Methodology (AIMJ); Presidente do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos-CEBELA. Editor de *Comunicação & Política*. Vice-presidente nacional do Partido Socialista Brasileiro, PSB.

¹ NABUCO, Joaquim. ‘Alfredo D’Escaragnolle Taunay’ in *Escritos e discursos literários* (Obras completas de Joaquim Nabuco vol. IX). Instituto Progresso Editorial S.A. São Paulo. S.d. p.225

Antes, requererei a ajuda de autor caríssimo, a mim e a Antônio, uma paixão comum, e assim uma vez mais pedirei as luzes do padre Vieira, o gênio maior de quantos nossa língua conheceu.

Voulê-lo:

“Quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliário de vossos avós, ide ver a matrícula de vossas ações. O que fazeis, isso sois, nada mais”.

Sermão da Terceira Domingo do Advento²

Perguntado *Quem és?*, João Batista não declinou seu nome, mas afirmou o que fazia, e, ao definir-se pelo que fazia, declarava o que era: *Eu sou a voz do que clama no deserto³*. A lição desse diálogo é apenas uma: o homem não é a sua essência (digamos assim: sua só origem de classe), mas sua existência, isto é, sua maneira de ser, sua maneira de postar-se diante da realidade e, diante dela, definir-se.

O homem é o que ele faz de sua existência, o homem é o que ele faz da sua vida. Cada um é as suas ações. *O que fazeis, isso sois...*

A história que me coube tentar resumir é o curriculum das ações de uma longa vida dedicada ao país, ao seu povo, à liberdade e à igualdade. De um jovem filho de emigrantes que logo cedo descobriu que havia nascido para a pátria. E a pátria é seu povo.

A grandeza de seu papel, a sublimação de seu destino, a auréola de sua vida está na sua obra, no que fez, no que nos legou, no trabalhar sempre e sempre, em não cansar nunca de ser útil, em ser útil e lutador até o último dia e o último momento, e não descansar a cabeça senão no leito do último descanso.

Com sua cultura invulgar, sua extraordinária inteligência, sua insuperável capacidade de trabalho, Antônio Houaiss poderia ter sido, neste país, no Itamaraty ou fora dele, o que quizesse, o que requeresse à classe dominante. Poderia ter sido milhares de robertos campos, milhares de fernandos henriques cardosos. Preferiu ser o que foi: um contestador, estilete em punho espicaçando as mentiras da ordem ideológica que nos domina; preferiu ser o que sempre foi: um indobrável adversário do sistema, um *gauche*, um dirigente do movimento socialista. E ao mesmo tempo um dos brasileiros mais interessantes de sua geração, dos mais originais, dos mais notáveis.

² VIEIRA, Padre Antônio. ‘Sermão da terceira domingo do advento’. *Sermões*. Tomo I (Volume I das Obras completas do Padre Antônio Vieira). Lello & Irmão – Editores. Porto, 1959, p.212

³ João, I, 21-23.

Direi inicialmente que a lusofonia, esse sonho de uma comunidade linguística, perdeu o melhor de seus advogados. A língua perdeu um amante devotado. O socialismo perdeu um teórico de raro fôlego e um militante incansável e aguerrido. Nosso partido perdeu seu primeiro presidente na reconstrução, seu mais instigante formulador. Perdeu o País um devotado lutador da boa causa, a causa do povo oprimido, sem voz e sem ação, sem cidadania, excluído da sociedade de consumo, excluído do mercado de trabalho.

Todos perdemos.

Nós estamos aqui para saudar o homem do povo Antônio Houaiss.

Não vos vou repetir a história de Antônio Houaiss. Direi apenas que se tratava de um homem raro e culminante.

Filho de emigrantes pobres, seu pai era um pequeno comerciante libanês; menino nas areias de Copacabana, fez-se um dos mais estelares intelectuais brasileiros, linguista, filólogo, lexicógrafo, tradutor emérito, organizador de enciclopédias, dicionarista, ecdota, crítico literário, e autor de inumeráveis textos políticos, de teoria política, de doutrinação socialista.

Mas nós estamos aqui para saudar o homem do povo Antônio Houaiss.

Quero revelar, neste momento, aspecto pouco conhecido de sua formação. Quero começar por esse traço extraordinário da riqueza humana: o preceptor de Antônio Houaiss, o futuro tradutor de Ulisses e autor do Grande Dicionário da Língua Portuguesa, foi o alfaiate português, anarco-comunista, José Alves Machado, operário e intelectual orgânico muito antes da formulação de Gramsci. O ofício do corte e da costura se cumpria paralelo ao ‘curso’ que ministrava a três ou quatro meninos mal entrados na adolescência. Assim, cedo, e pelas mãos de um emigrante e proletário, Antônio Houaiss, o futuro diplomata e o futuro membro da Academia Brasileira de Letras, aprenderia que para lutar contra a fome e a injustiça social era preciso, primeiro, mexer no sistema político e econômico que as alimenta e ceva. Assim, explico um processo de definição política determinado pela práxis, uma política, que, totalidade, é uma permanência e se encontrará em toda sua obra, obra e vida, opção de vida determinando a obra. O humanismo socialista, em Houaiss, resulta de uma visão ética da história, de uma história viva, que não morre, de uma nova ética marxista. Uma ética que se reflete em todos os atos humanos: no rompimento com a classe dominante, mas também nas relações pessoais, nas relações individuais, nas relações de trabalho, nas relações dentro do partido, daí sua

franqueza permanente, sua lealdade, a transparência de seus gestos, a clareza de suas intenções, sempre o jogo aberto, o discurso claro, a vontade expressa, jamais o subterfúgio, jamais a meia verdade, jamais a insinuação, sempre a clareza de propósitos e intenções, de propósitos e de projetos, simples, natural, sincero consigo mesmo.

É o humanismo socialista a cuja construção dedicou a práxis e a reflexão dos últimos anos.

Mas nós estamos aqui para saudar o militante socialista.

Antônio Houaiss era, fundamentalmente, um intelectual orgânico, engajado na luta pelo socialismo e pela democracia. Desde cedo, estudante secundarista no Rio de Janeiro, integrou-se na militância política e enfileirou-se no combate ao Estado Novo, o que lhe valeu as primeiras perseguições políticas. Aluno e depois professor de escola pública, mais tarde diplomata, tudo por concurso, teve sua carreira interrompida no governo Dutra pelo obscurantismo político, acusado de organizar uma célula comunista no Itamaraty. Era sua contribuição para a caça às bruxas que chegou ao Brasil impulsionada pela Guerra Fria. De volta à carreira, pela mão da justiça, honrou o Brasil como um de nossos mais competentes diplomatas. Brillhou como intelectual, mas brilhou principalmente por defender uma política de independência e ajudar as jovens nações asiáticas e africanas no processo de descolonização, o que lhe valeu argumento para a segunda e definitiva cassação de seus direitos políticos, com que foi homenageado pelo golpe militar de 64.

Ninguém mais do que ele mereceu aquela punição, que, antes da história, consagrava sua dedicação aos interesses de seu país e de seu povo.

Por isso mesmo, jamais reclamou do ato autoritário. Carregava-o no peito, como uma comenda.

Rejeitando o exílio voluntário, a primeira opção dos intelectuais, preferiu enfrentar todos os riscos e regressar ao Brasil e foi atuar na fronteira desprotegida do *Correio da Manhã*, já em oposição à ditadura. Juntou-se ao grupo de intelectuais de esquerda que se reunia em torno da Civilização Brasileira e de Enio Silveira. Organizou intelectuais e artistas e esteve à frente de todos os movimentos de resistência. Incansável, colocou-se ao lado de Barbosa Lima Sobrinho na ABI.

Difícil foi a prova, mas Houaiss jamais cedeu um milímetro de seu terreno.

De 1964 até o fim do regime militar não houve um só ato, uma só manifestação de luta, um só momento de resistência ou de organização da sociedade civil que não o encontrasse na primeira fila.

Vencida a ditadura, dedicou-se à organização política.

Em 1985, o PSB era uma mera audácia. Um gesto que irritava - e quanto irritava! Irritava os que então monopolizavam a esquerda socialista e marxista; irritava os que queriam perenizar a frente oposicionista, irritava os que queriam aderir sem remorsos à Nova República, irritava os que queriam uma esquerda 'bem-comportada', para simplesmente abrigar uma esquerda envergonhada de suas origens e fartamente envolvida na *realpolitik* do governo. Sim, era aceitável uma esquerda, mesmo combativa, mas com a segurança de que, não hostilizando a Nova República, não afastasse seus líderes dos cargos que a nova política ensejava a quantos há tantos anos estavam na oposição, e sedentos de poder.

Nós entendíamos que, superada a política de frente, com a derrota da ditadura, nós entendíamos que, vencida a violência autoritária, impunha-se a organização de todas as forças políticas. Está escrito no nosso Manifesto. Nós, os socialistas, queríamos empunhar a nossa bandeira, do socialismo, do socialismo libertário, do socialismo revolucionário, da liberdade.

Quem fomos encontrar, naquele 1985, para assumir o comando de projeto tão audacioso quanto frágil, quem fomos encontrar com a coragem de assumir a presidência da Comissão Provisória do antigo e novo Partido Socialista Brasileiro?

Antônio Houaiss.

Fomos chamá-lo e ele atendeu ao nosso apelo. Ora, quanto isso foi precioso para nosso projeto não preciso dizer; todos o sabemos, está na história do Partido. O grande lexicógrafo abandonou a elaboração de seu Dicionário, ainda hoje em curso, sonho de toda a vida, para engajar-se conosco, comigo e com Jamil Haddad, na quase loucura que era reorganizar um Partido Socialista, quando já estavam na liça o PT e o PDT, quando os partidos comunistas se haviam re-legalizado, quando o PMDB, que ainda não era o frankenstein de agora, pretendia o monopólio da resistência democrática.

Nós éramos ninguém.

Éramos apenas uma vontade.

Desdenhados quixotes.

Não tínhamos cargos por oferecer, não dispúnhamos de sindicatos, não tínhamos inserção no movimento social, nada oferecíamos, nada prometíamos senão sacrifícios. Nem sequer éramos uma promessa eleitoral.

Houaiss pôs de lado o campo aberto do poder oferecido pela Nova República, e veio juntar-se a nós. E quem éramos nós? Meia dúzia de visionários.

Houaiss assumiu a Presidência da Comissão Organizadora e obteve o registro provisório, com o qual disputamos as eleições de 1985. Em 1986 presidiu, presidiu organicamente mas presidiu principalmente do ponto de vista teórico e doutrinário, nosso Primeiro Congresso, quando derrotou os adesistas e os sociaisdemocratas do partido, e o PSB, sob seu comando, se fixou na esquerda socialista.

Definindo-se como partido de esquerda e socialista, e se afastando de qualquer identidade com a socialdemocracia, o PSB de Antônio Houaiss logo se perfilou na oposição à Nova República. Foi o primeiro partido a defender a Frente de esquerda e foi sua a formulação (já em 1986!) das bases da futura Frente Brasil-Popular. Pequeno, pobre, funcionando com registro provisório, bancada diminuta, teve destacada e patriótica atuação na Constituinte, que ajudou a convocar. Nela lutou pela Anistia, ampla, geral e irrestrita, penalizou a tortura, defendeu os interesses dos trabalhadores, dos pobres e dos excluídos, das mulheres, dos índios, dos negros e de todos os discriminados. Defendeu a nação. Desempenhou papel o mais relevante na campanha de 1989 e, derrotado, no dia imediato destacava-se na oposição sem tréguas ao governo Fernando Collor, a primeira experiência neoliberal brasileira. Moveu-lhe tenaz combate. Foi um dos artífices da CPI que levaria ao impeachment do Presidente singularmente corrupto e nela atuou diretamente, com o senador José Paulo Bisol e o deputado Jamil Haddad. Seus filiados Evandro Lins e Silva e Sérgio Sérvulo funcionaram como advogados do Brasil no memorável julgamento do Senado Federal. Instalado o governo Itamar Franco, o PSB compreendeu, diferenciando-se dos vários segmentos da esquerda, que hoje, se tiverem juízo, devem estar fazendo autocrítica, o significado daquela transição, e não negou seu apoio ao novo governo, do qual participaria com as presenças de seus dois ex-presidentes, Antônio Houaiss e Jamil Haddad, notáveis ministros da Cultura e da Saúde. Dessa experiência soube se afastar quando, Ministro da Fazenda o Sr. Henrique Cardoso, a correlação de forças internas passou visivelmente a inclinar-se pelas posições neoliberais do futuro Presidente. Combateu-o nos pleitos de 1994 e 1998 e move-lhe oposição desde o primeiro dia do primeiro mandato.

Por que lhes falo do nosso Partido, se o dever é uma oração fúnebre? Ora, o elogio maior ao amigo está dito, porque foram as virtudes deste homem e de alguns poucos que nos trouxeram até aqui.

Nabuco dizia que “Os grandes poetas não parecem completos sem uma mulher que os acompanhe perante a história”⁴. Eu diria o mesmo do revolucionário, do escritor, do político. Eu direi o mesmo de qualquer homem que aspire à felicidade. Este resumo de fatos, atos e ações não estaria completo se eu não falasse de Ruth, a companheira de toda a vida, sua companheira-igual desde os tempos da Faculdade de Filosofia, companheira de idéias, companheira de lutas, companheira na mesma compaixão pela sorte de seu povo, solidária na esperança de um mundo de justiça. Deixou-nos antes dele — por que os mais jovens insistem em se antecipar aos mais velhos? — e sua ausência deixou Antônio envolvido pela mais espessa solidão.

Lembro Ruth para lembrar todas as nossas companheiras, mães, irmãs, esposas, companheiras guias de uma caminhada que não faríamos, ou faríamos mais dolorosamente sem o seu amparo, o seu estímulo, a sua confiança. Saúdo as companheiras de jornada.

Está na hora de concluir. Falarei da morte.

Houaiss morreu angustiado, morreu amargurado, sofrendo com o noticiário da imprensa, sofrendo com a destruição de seu país, de sua nação, de seu povo. Morreu denunciando os crimes do neoliberalismo, o crime deste governo contra o presente e o futuro de nossa gente e de nosso país. Morreu militante, nos estimulando a continuar sua luta, a luta dos socialistas, dos que têm dedicado suas vidas à luta contra as desigualdades, contra o autoritarismo e a exclusão, em defesa do socialismo, da democracia e da liberdade.

Sua morte foi lenta e dolorosa, condenando a nós todos à tortura da impotência ante a lenta extinção daquela existência preciosa. Porque morria um pouco cada dia. Morria seu corpo e, desgraçadamente, revigorava sua inteligência, sua lucidez, sua bravura. Seu último ano de vida, foi uma batalha inglória contra a tragédia biológica que jamais o amofinou. Digo-lhes que este militante jamais se assustou com a morte, com a limitação da vida. Jamais se amargurou com a proximidade do fim. Convivi com ele ainda mais proximanamente os últimos anos, mais intensamente os últimos meses, os últimos dias, quase as últimas horas. Tivemos longas conversas em sua casa e em seu recorrente leito de hospital. Quando nos despedimos dele, no Hospital Silvestre, nas horas que antecediam sua última intervenção cirúrgica, quando nos despedimos dele, Evandro Lins e Silva e eu, no seu quarto

⁴NABUCO, Joaquim. ‘Terceiro centenário de Camões’. Idem. Idem. P.9

de doente solitário, não totalmente solitário porque lhe faziam companhia alguns livros e todos os jornais da cidade, passamos uma manhã inteira conversando, e a conversa, conduzida por ele, era o nosso país, era o crime que se cometia contra nosso povo, era a necessidade de continuarmos lutando. Lembro-me como agora, em cima do branco leito, esmagado como o gladiador pelo próprio destino, senhor de tudo, seu corpo depredado, seus movimentos limitados por tubos de toda sorte, o corpo macérrimo violentado pela ossatura que se insinuava, e o discurso que se avolumava, que enchia o quarto com sua lucidez, a voz que crescia, as mãos que se erguiam como recurso de retórica apoiando as afirmações. Ele olhava pela janela onde se pintava a floresta da Tijuca, e via a vida que caminhava lá fora, e via e deplorava a injustiça social, os crimes do capitalismo, e de nós nos cobrava o compromisso da luta sem quartel contra a iniquidade da exploração do homem pelo homem. Nenhum lamento. Nenhuma queixa pessoal. Uma única vez me fez um desabafo, que não era um desabafo. Não lhe interessava a vida contemplativa de intelectual, queria viver enquanto pudesse saborear os prazeres da vida e lutar pelas suas idéias. Não havia compasso entre o cansaço do corpo e a fulgurância da inteligência.

Na frieza dos hospitais, na sua assepsia mais emocional do que química, no silêncio das enfermarias, na solidão inexcedível das UTIs, morreu só. Recém-saído da última e infrutífera cirurgia, de quantas infrutíferas sofreu, como se uma maldição dissesse que seu corpo precisava ser massacrado para que a sociedade punisse sua alma indomada, um pouco de Prometeu e um pouco de São Sebastião, recém-saído da sala de cirurgia, fomos nos despedir dele, de novo Evandro Lins e Silva e eu, e desta feita também meu filho, e não mais o encontramos, porque só encontramos seu corpo. O coração físico funcionava, as chamadas funções biológicas funcionavam, mas seu cérebro parara, e ele nele era tudo. Ao lado, num boxe no qual outro condenado à morte agonizava, no mesmo silêncio e na mesma solidão, uma enfermeira, uma mulher bonita, outro de seus prazeres, uma jovem enfermeira limpava aparelhos e cantarolava, como a nos dizer que a vida é tão importante que a morte diante dela perde qualquer significado trágico.

O homem é o nome póstumo.

Que são as dores diante da imortalidade de uma obra política que nos faz hoje render esta homenagem que se renovará na leitura de seus textos e na lembrança de seus atos?

Nossa saudade, imorredoura, é nossa promessa, imorredoura, de luta. Em homenagem a brasileiro tão altivo, prometamos construir nosso

partido, lutar pelo socialismo, contra a injustiça social, contra a exploração do homem pelo homem, em defesa da igualdade, da fraternidade e da liberdade, de homens, e principalmente de todas as mulheres, de todas as mulheres e de todos os homens, de todas as etnias discriminadas, mas principalmente dos negros, de todos os que sofrem discriminação de qualquer ordem, de cor, de gênero, de origem, de opção sexual, de todos os brasileiros, mas principalmente dos pobres, dos deserdados da Terra, dos excluídos, dos perseguidos, dos que não têm emprego, das crianças que não têm futuro, enfim, das vítimas do capitalismo.

Lembremos a oração fúnebre de Péricles dizendo que “Os homens cumprem melhor seus deveres de cidadãos quando os maiores galhardões esperam a virtude”. Porque não foi outra coisa o que ele fez.

Prestemos a Antônio Houaiss o preito do último lamento.

Esperamos que o ano que vem nos seja benévolo, que a sua ceifa nos esqueça. Mas, vivamos muito ou vivamos pouco, trabalharemos até o último momento, lutaremos até o último sopro. Esta é a lição que herdamos, como compromisso, do legado de vida de Antônio Houaiss.

Vida longa para Antônio Houaiss.